

EDIÇÃO #12 | MAIO-JUNHO 2023 | BIMESTRAL | PREÇO 4,60€

MAGAZINE

MAKEBA

ENALTECER O QUE É MAGNÍFICO NA CPLP

MANUEL
M. GARCIA
ÁFRICA, GIGANTE
ADORMECIDO

DIRLENE SILVA
ECONOMIA E
FINANÇAS



CARLOS LOPES
FOCO NO DESENVOLVIMENTO EM ÁFRICA



A COMPLEXIDADE DO MUNDO É AGORA UM LUGAR COMUM

Professor honorário da Nelson Mandela School of Public Governance, da Faculdade de Comércio da Universidade da Cidade do Cabo, professor afiliado da Sciences Po, Paris, membro associado da Chatham House, Londres, membro da Fundação do Conselho Científico Internacional, e Fellow de 2017 e 2022 na Oxford Martin School, Universidade de Oxford. Foi associado a vários conselhos de alto nível, incluindo a Comissão Global para Economia e Clima, Comissão Global para o Futuro do Trabalho, Comissão Global sobre a Geopolítica da Transformação Energética, Conselho de Lançamento da Fundação Kofi Annan, Instituto Internacional da UNESCO para Education Planning Board, entre outras variadas e importantes representações. Ocupou cargos de destaque como Secretário-Geral Adjunto da ONU e Diretor Político do Secretário-Geral Kofi Annan. Foi nomeado Alto Representante da União Africana para Parcerias com a Europa em 2018 e membro da Equipa de Reforma da União Africana liderada pelo Presidente Paul Kagame em 2016.

Por Miriam Morais

Fale-nos de si...

O meu local de nascimento, o mesmo dos meus pais, é o primeiro marcador para definir quem eu sou. Canchungo é uma aldeia de cerca de 10.000 habitantes na parte noroeste da Guiné-Bissau que orgulhosamente chamamos de cidade. A paisagem envolvente é deslumbrante: cursos de água em todas as direções e uma tela verde que facilmente se confunde com o Congo ou o Amazonas, onde também há muita água.

O meu pai foi preso não muito longe de Canchungo por causa do seu apoio à luta de libertação. Eu era então um menino que tentava entender o que estava a acontecer. Aos 13 anos, chegou o Dia da Independência. Logo

depois envolvi-me no turbilhão da política, mobilizado até o âmago pelos ideais do pan-africanismo. O meu mentor foi o Mário de Andrade, um intelectual angolano que vivia então em Bissau. Andrade foi um dos fundadores e primeiro presidente do MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola. Ele tinha participado dos movimentos políticos e intelectuais pan-africanos mais significativos da sua época. Ele também tinha sido editor da prestigiada *Présence Africaine* na Paris dos anos 50.

Terminei o ensino secundário no Liceu Kwame Nkrumah de Bissau em 1977, mas não havia uma Universidade no meu país para eu progredir. Tive que contar

**CARLOS
LOPES**

com a poderosa rede de contatos de Andrade para conseguir uma bolsa que me levou a Genebra e depois a Paris, aonde fiz o meu doutorado. Tive a sorte de poder concentrar a minha pesquisa e trabalho académico em questões africanas e de desenvolvimento.

À medida que os problemas se desenvolviam na Guiné-Bissau, golpe após golpe, fiquei desiludido com a liderança do país e percebi que a minha contribuição para o serviço público tinha de ser feita a um nível diferente. Entrei para as Nações Unidas enquanto tentava manter as minhas pontes com as redes pensantes do continente. Procuo focar a minha vida profissional em princípios importantes: nunca ter calma, toda realidade merece

ser compreendida na sua complexidade; não simplificar o que são a África e os desafios africanos é um exemplo disso; nunca subestime a importância de construir o futuro com as ações de hoje. Com esse espírito, cada passo conta, principalmente aprendendo com o que não funciona. Muito foi feito incorretamente pelos africanos, mas muito mais foi infligido a eles, gosto de lembrar.

O momento atual exige que nos baseemos nas boas novas que começam a reverter as percepções de “inferioridade africana”, construídas desde o século XV. É um bom desafio. No entanto, isso não acontecerá sem uma forte reversão da sorte. Os africanos não podem



simplesmente correr, eles têm que correr mais rápido do que qualquer outra pessoa agora e antes. Se o mundo ainda está admirando a história dos tigres asiáticos, é melhor eles se prepararem para o animal mais rápido do mundo: a chita magra, astuta e que quebra recordes de velocidade, que vem de África!

Tem imensos prêmios e condecorações, conte-nos o seu percurso

Como economista africano, tenho orgulho em dizer que a minha trajetória profissional levou-me a ocupar cargos importantes no meu país e em diversas organi-

zações internacionais. Fundei na Guiné-Bissau o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa e trabalhei na ONU, onde fui o braço direito de Kofi Annan nos seus dois últimos anos de mandato, na União Africana e na Comissão Económica das Nações Unidas para a África, onde atuei como Secretário Executivo.

Ao longo da minha carreira, sempre procurei contribuir para o desenvolvimento do continente africano, por meio de ações concretas e efetivas. As minhas áreas de especialização incluem governança, desenvolvimento económico e políticas públicas.

Acredito que a minha experiência e conhecimento me

permitem ter uma visão clara dos desafios e oportunidades que a África enfrenta atualmente. Estou comprometido em continuar a trabalhar para criar soluções inovadoras e sustentáveis que possam ajudar a melhorar a vida dos africanos.

A minha carreira é igualmente estimulante, com 22 livros publicados, sou Professor na Universidade do Cabo, na África do Sul, a primeira Universidade Africana nos rankings internacionais, na Paris School of International Affairs de Sciences PO, a primeira nos rankings internacionais dessa área e pesquisador na Universidade de Oxford, a primeira do mundo em vários rankings internacionais.

Atualmente o mundo passa por desafios que não pensamos possíveis, neste século...

Eu diria que a complexidade do mundo virou um lugar comum. Com a guerra na Ucrânia, vemos a aceleração de vários fenômenos. Em particular, o desacoplamento, ou seja, uma divergência entre as economias ocidentais e as economias de países que estão cada vez mais associados à economia chinesa.

Acho que esse tipo de tensão já estava presente antes da pandemia, por exemplo, com a guerra comercial declarada pelo Presidente Trump à China. Estou convencido de que a guerra na Ucrânia é uma consequência dessa tensão muito maior e estrutural. A Rússia, cuja economia é muito dependente de combustíveis fósseis, está a passar por uma das transições demográficas mais dramáticas do mundo, com um envelhecimento considerável da sua população, que também diminuirá em tamanho. Daí o seu apego como um país enorme à sua história e ao mundo de língua russa.

Essas são tendências e mudanças importantes que estão a acontecer. A África terá que aprender a lidar com elas e a fazer a transição, mas não será simples.

O continente está a enfrentar uma crise alimentar, causada tanto por dificuldades logísticas e de abastecimento quanto por especulação. De acordo com analistas, as quantidades de grãos atualmente disponíveis nos mercados globais estão em níveis historicamente baixos. África não era suposta sofrer tanto, mas com as dificuldades causadas pela ausência dos principais produtores -Rússia, Ucrânia e Bielorrússia- do mercado global, a especulação eleva ainda mais os preços. A alimentação virou uma ferramenta estratégica.

**“
Devemos parar de
opor agricultura e
industrialização,
como muitas vezes
tem acontecido nos
discursos sobre o
desenvolvimento
em África, porque a
industrialização é a
principal condição para
o desenvolvimento da
agricultura**

E que impactos imediatos tem esta crise no continente Africano?

Para mim, a logística e as cadeias de abastecimento são fascinantes. Elas são menos discutidas, mas os eventos dos últimos dois anos destacaram a importância de se ter uma logística eficiente. Trinta por cento da produção agrícola em África é perdida devido à má logística. O continente africano é o único sem uma rota comercial de costa a costa. O interior não está nas rotas comerciais importantes. Isso precisa mudar. Felizmente, estamos a ver investimentos significativos em portos, aeroportos e estradas. Mas

mais precisa ser feito, especialmente em infraestrutura ferroviária.

Precisamos aprender com a atual crise alimentar. A primeira lição é consumir muito mais do que produzimos e menos do que não produzimos. Há muitas culturas adaptadas à África que provavelmente são muito mais produtivas, nutritivas e resistentes às mudanças climáticas. Não há muita razão para o Egito e o Benin importarem mais de 50% de seus grãos da Ucrânia ou da Rússia.

Logo temos a crise energética, que afeta a África de várias maneiras. Claro, a inflação afeta a maioria dos países africanos que são importadores líquidos de combustíveis fósseis. Até mesmo os produtores que exportam petróleo bruto estão a importar produtos refinados, então não estão imunes ao aumento do preço

da energia. Mas o mais importante neste aspecto é a questão do financiamento. Atualmente, há um grande problema de financiamento para qualquer coisa relacionada a combustíveis fósseis, então não conseguimos preencher a lacuna deixada pela Rússia de forma significativa devido aos últimos anos de subinvestimento. Finalmente temos a crise macroeconómica causada pela falta de acesso aos mercados de capitais. As sanções têm sido disruptivas e vemos o dólar valorizado. Isso tem repercussões nas taxas de juros a que os países podem aceder, fuga para mercados mais seguros e, assim, muito menos espaço para manobra. A combinação de todos esses fatores está a criar um horizonte de curto prazo particularmente problemático.

Por último, secas graves estão a afetar o Corno de África, partes do Sahel e do sul de África. Isso não é novo e não mostra sinais de abrandamento, portanto, podemos esperar dificuldades acrescidas. Eu tinha previsto que a pandemia atingiria África com força, em grande parte devido aos danos colaterais que causaria, mas as outras crises globais e repercussões das políticas do Ocidente tomadas contra a Covid, agravaram a situação.

Então e a ajuda?

Eu diria que recentemente temos visto um alto nível de hipocrisia, primeiro por causa da pandemia, em relação à questão das vacinas, e agora em torno da transição energética, onde todos mudam o seu ponto de vista e posição para, em última análise, servir os seus interesses. Apenas em 2019, os países diziam que eram contra o gás e agora viajam pelo mundo clamando por ele. Um dia, eles nos dizem que devemos acabar com o carvão em África, e a seguir propõem acordos para comprar carvão do Botsuana, África do Sul e outros lugares!

O nível de hipocrisia é tão grande que ninguém mais acredita nessas proclamações. Poucos dias antes da cúpula Europa-África, foi anunciada a iniciativa Global Gateway. África receberia € 150 bilhões ao longo de 5 anos, mas quando se olha mais de perto para os números, o orçamento da UE tem apenas € 33 bilhões para o

mesmo período. Não sabemos donde virá o resto.

O G7 fez um novo anúncio prometendo somas enormes para África, sem dar detalhes. Os Estados Unidos anunciaram US \$ 4,5 bilhões para apoiar a segurança alimentar em África. Mas as pessoas precisam saber que os gastos com a guerra na Ucrânia são de cerca de US \$ 5 bilhões por mês em gastos orçamentários. Apenas a Ucrânia, em um mês, recebe mais do que toda a África durante a crise causada pela mesma guerra. Então, no grande esquema das coisas, mesmo esse anúncio é apenas uma gota no oceano.

E para os PALOPs, que perspectiva?

A guerra na Ucrânia afetou negativamente os PALOPs em termos de comércio e acesso à liquidez. Como mencionado anteriormente, muitos países africanos são importadores líquidos de combustíveis fósseis, e a guerra na Ucrânia levou a aumentos nos preços desses combustíveis. Isso teve um impacto significativo na inflação em muitos países africanos, incluindo aqueles de língua portuguesa, que agora estão a enfrentar custos mais elevados de bens de consumo e serviços.

Além disso, o aumento dos custos de transporte e comércio decorrentes da instabilidade na Ucrânia também afetou negativamente os PALOPs. Com muitas rotas comerciais bloqueadas ou interrompidas, os custos de importação e exportação aumentaram, tornando mais difícil para as empresas desses países competir no mercado global. Isso pode ter consequências de longo prazo para o desenvolvimento económico desses países.

Por fim, o acesso limitado à liquidez também é um problema sério. A guerra na Ucrânia levou a uma maior demanda por investimentos em energia renovável, e muitos investidores agora estão a evitar investir em projetos relacionados a combustíveis fósseis, que são a riqueza tangível de Angola e Moçambique. Isso torna mais difícil para esses países obter o financiamento necessário para desenvolver projetos de infraestrutura, o que pode retardar o crescimento económico e impedir a redução da pobreza. **M**